

Em 2006, apenas 21,7 mil postos de trabalho foram criados na capital. Com 17,7% da população economicamente ativa desocupada, cidade é comparada às nordestinas

Desemprego assola Brasília

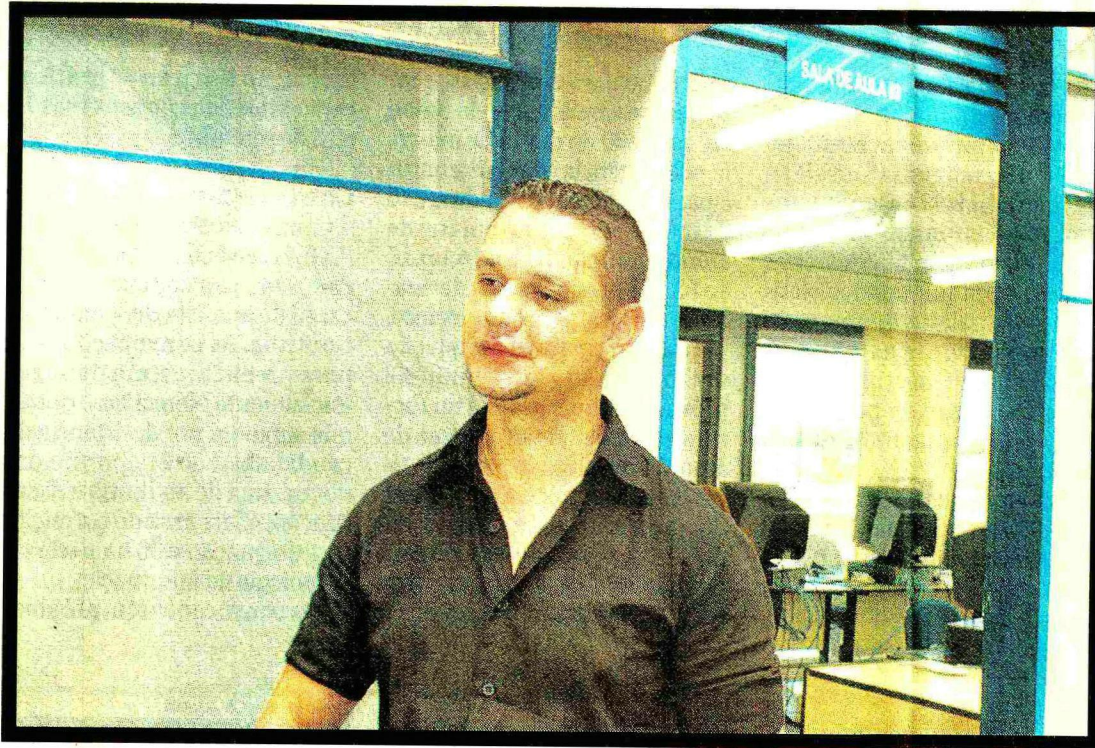
MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Com uma taxa de desemprego que a aproxima das capitais nordestinas, Brasília sofreu em 2006 uma piora em seu mercado de trabalho. O número de vagas geradas na capital do país foi o menor entre as sete regiões metropolitanas pesquisadas pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese). Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego divulgada ontem, em todo o ano foram criados 21,7 mil postos de trabalho, o menor volume desde 2003. Salvador e Porto Alegre também estiveram entre os locais onde a geração de emprego foi pequena, com 32 mil e 43 mil vagas, respectivamente. O melhor desempenho foi verificado em Belo Horizonte. No total 166 mil mineiros foram empregados na região metropolitana em 2006.

A situação ruim na capital federal comprometeu até mesmo a criação de vagas em dezembro, tradicionalmente um dos melhores meses para quem quer arrumar um emprego. Apenas 300 vagas surgiram no período e a taxa de desemprego ficou praticamente estável em relação a novembro — passou de 17,8% para 17,7% da População Economicamente Ativa. O resultado de de-

Adauto Cruz/CB



SANDRO GOMES FEZ MUITAS ENTREVISTAS NO ÚLTIMO ANO, MAS AINDA NÃO CONSEGUIU VOLTAR AO MERCADO FORMAL

zembro de 2006 foi o pior para o mês desde 2002. Em 2005 e 2004, por exemplo, foram empregados 10,9 mil e 11,2 mil brasilienses somente nos últimos 30 dias do ano.

O Dieese credita o desempenho ruim em dezembro ao desligamento de pessoas do setor público com o fim dos governos federais e do DF. A administração pública demitiu 4,9 mil trabalha-

dores no período. E outras 4,3 mil perderam o emprego nas embaixadas, consulados e representações oficiais e políticas. Recém-chegada à Secretaria de Desenvolvimento Social e Trabalho, a secretária Eliana Pedrosa se assustou com os números e disse que o governo pretende investir nas Áreas de Desenvolvimento Econômico para gerar emprego.

“O número absoluto de desempregados é assustador, sem considerar uma grande pressão de pessoas que vêm do Entorno e a pesquisa não capta. Uma saída para gerar vagas é terminar as obras de infra-estrutura das ADEs, o que o governo quer fazer aos poucos. Uma opção seria vincular a concessão dos benefícios à geração de emprego”, afirma.

Segundo ela, o GDF vai ainda fazer pesquisas com as empresas brasilienses para direcionar a realização de cursos de formação de acordo com as necessidades do setor empresarial.

Segundo o coordenador da pesquisa pelo Dieese, Antônio Ibarra, a demora dos trabalhadores em conseguir uma vaga é preocupante. Um terço das pessoas em busca de um posto de trabalho estão há mais de um ano distribuindo currículos. “Quanto mais o tempo passa, mais difícil fica”, alerta Ibarra. O desempregado Sandro Gomes, de 32 anos, sabe bem o que é isso. Há pouco mais de um ano ele perdeu o emprego de auxiliar de escritório e desde então não consegue um empregador para assinar sua carteira. Morador de Ceilândia e com o ensino médio concluído, ele já perdeu as contas das entrevistas feitas desde então. “Fiz muitas entrevistas, mas acabam selecionando outras pessoas. Acho que quem está cursando uma faculdade tem prioridade. Para me virar às vezes faço bico no restaurante de um amigo, mas eu queria um emprego fixo”, conta.

Apesar dos números ruins para a geração de emprego, o rendimento médio dos brasilienses melhorou. De um ano para outro saltou 4,8% e fechou 2006 em R\$ 1.392.